
O jornalismo literário piauiense de J. M. Pereira de Alencastre ¹

Vinícius FERREIRA Ribeiro Cordão²
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O presente artigo apresenta o pensamento e as contribuições de José Martins Pereira de Alencastre no processo de implementação do jornalismo literário no Piauí. Analisamos, em especial, a sua atuação no jornal *Recreio Literário*, considerado o primeiro jornal literário do estado. Podemos perceber, por meio dos escritos analisados, que o intelectual tenta, através da imprensa, inserir a afastada província do Piauí no mapa cultural. A cultura é compreendida como um elemento de transformação social e elevação do homem.

PALAVRAS-CHAVE: História da Imprensa; Jornalismo Piauiense; Jornalismo Literário; Pereira de Alencastre.

Introdução

A pesquisa no campo da história da imprensa piauiense, apesar de recente, já possui obras de síntese como *História da Imprensa no Piauí* de Celso Pinheiro Filho (1997) e *Imprensa Piauiense: Atuação política no século XIX* de Ana Regina Rêgo (2001). Entretanto, apesar de ambos os livros apresentarem o panorama da formação do jornalismo no Estado com maestria nota-se um maior destaque para acontecimentos políticos e econômicos, referindo-se a aspectos culturais somente em pequenos fragmentos.

Tendo em vista a lacuna histórica existente sobre aspectos culturais da imprensa no Piauí foi criado pela Prof. Dr. Ana Regina Rêgo, em 2010, o projeto Jornalismo e Produção Cultural sob sua coordenação e a colaboração de seus orientandos e pesquisadores filiados ao NUJOC- Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação.

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista pela Universidade Federal do Piauí, mestre e doutorando em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisador associado do Núcleo de Pesquisa em Estratégias de Comunicação (Nupec) e do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação (NUJOC). Bolsista CNPQ, email: viniciusf.c@hotmail.com

O projeto deu início ao desenvolvimento de pesquisas com o intuito de mapear e analisar a produção local, com enfoque para o Jornalismo Cultural e Literário.

Inserido neste contexto surge a necessidade de traçar um panorama de como se iniciou a inserção da cultura no jornalismo local, sendo imprescindível voltar o olhar para as primeiras décadas de atuação da imprensa. Pesquisar a interseção do campo da cultura com o campo do jornalismo no século XIX torna possível identificar as estruturas e relação que perpassam as práticas culturais do jornalismo, possibilitando ter uma visão mais clara sobre as origens da produção noticiosa e seus possíveis desdobramentos nas configurações contemporâneas.

Dessa forma buscamos neste trabalho rememorar as características, os personagens e as transformações de mentalidade que marcaram o início do Jornalismo Literário no Piauí. Iremos privilegiar a atuação de J. M. Pereira de Alencastre, professor, historiador e político brasileiro que durante sua passagem pela província do Piauí lançou o primeiro jornal literário do Estado, o *Recreio Literário*.

No que concerne ao referencial metodológico utilizado no processo investigativo, vale destacar a pesquisa histórica realizada a partir de consulta bibliográfica de base documental. Adotamos como parâmetro ao longo da pesquisa a utilização de dados existentes com o objetivo de possibilitar um novo olhar sobre o contexto histórico a ser analisado, empregamos ainda da Análise de Conteúdo por Emparelhamento³.

Para atingir os objetivos propostos iremos em um primeiro momento discutir acerca do Jornalismo Literário e as questões que envolvem seu debate teórico. Na tópico seguinte iremos apresentar um breve panorama cultural do Piauí e a inserção dos homens das letras, em especial, as contribuições de J. M. Pereira de Alencastre para pensar o papel do jornalismo literário.

Jornalismo Literário: apontamentos teóricos

A Literatura foi sem dúvida a primeira manifestação cultural a ganhar visibilidade de forma sistemática na imprensa nacional por meio de poemas, contos, crônicas e dos folhetins que passaram a ocupar de forma gradativa as páginas dos impressos durante todo o século XIX. A junção do jornalismo, então marcado por um

³ “[...] consiste em associar os dados recolhidos a um modelo teórico com a finalidade de compará-los” (LAVILLE& DIONE, 1999, p. 227).

caráter político panfletário, com o campo da literatura trouxe modificações profundas para ambos os campos e seus agentes, assim como, deu origem a uma sub-área de atuação denominada de Jornalismo Literário.

Definir teoricamente uma concepção para o Jornalismo Literário envolve levar em consideração que a prática passou por profundas modificações ao longo dos anos mas, segundo Martinez (2009, p.210), a abordagem mais difundida entre os pesquisadores nacionais ainda remete a fase da imprensa nacional que ocorreu entre o “século XIX/ XX, quando a profissão jornalística estava em formação e parte do material jornalístico era feita por escritores”.

No entanto não há consensualidade entre os autores que se propõem a definir o Jornalismo Literário- JL no país. Para Felipe Pena (2008, p. 21) existem quatro principais correntes que analisam o JL no Brasil, de forma que “para alguns autores, trata-se do período da história do jornalismo [...] para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculadas em jornais. Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como New Journalism,” além dos pesquisadores que incluem as biografias e a ficção-jornalística.

Desta forma diante do não consenso na vasta literatura nacional sobre a temática vamos apontar nessa investigação três conceitos de Jornalismo Literário, com o intuito de apresentar para o leitor uma visão plural sobre a temática, ainda que, algumas dessas correntes se distanciem da abordagem adotada nesse estudo. Para Pena (2008, p. 13) o JL não trata apenas de “fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos”, de forma que o autor propõe uma conceituação do Jornalismo Literário baseada em sete pontos.

- 1)Respeito às convenções jornalísticas, como a apuração, observação atenta, abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente;
- 2)Romper com dois itens fundamentais do Jornalismo, a periodicidade e atualidade;
- 3)Contextualizar a informação de forma mais abrangente;
- 4)Exercitar a cidadania;
- 5) Romper com a corrente do lide;
- 6)Criar alternativas aos definidores primários, isto é, as fontes oficiais;
- 7)Buscar a perenidade da obra

O segundo conceito de Jornalismo Literário que iremos destacar foi elaborado por Edvaldo Pereira Lima (2004), pioneiro no estudo sobre este gênero no país. O autor

após um itinerário que perpassa por experiências históricas relacionadas a prática, como a cobertura realizada por Euclides da Cunha sobre o conflito de Canudos que culminaria na publicação de *Os Sertões* e as inovações do movimento Norte Americano intitulado de New Journalism, propõe uma definição para a área associada a prática do livro reportagem, como podemos observar na citação abaixo:

Modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura; Traços básicos: imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização. Modalidade conhecida também como Jornalismo Narrativo.

A abordagem proposta por Hérís Artn (2001) seria por vez a perspectiva que mais se aproxima do ponto de vista adotado nesta pesquisa. Para Arnt (2001) o Jornalismo Literário seria “um estilo que se desenvolveu no século XIX e se caracterizou pela militância de escritores na imprensa e pela publicação de crônicas, contos e folhetins”.

A partir da análise comparativa de formatos contumazes ao Jornalismo Literário no Brasil e Estados Unidos Arnt (2001) sugere uma divisão temporal para a prática, que no Brasil ocorreria “por questões de pragmatismo didático, entre o período inaugurado por Manuel Antônio de Almeida⁴, e as primeiras décadas do século XX, quando nasce o jornal/empresa e começa a diminuir a influência literária” (ARNT, 2001, p.14).

Neste período da história do país os escritores emigravam para o jornalismo visando proporcionar visibilidade para a sua obra, assim como, encontravam na imprensa uma das principais fontes de renda. O jornal por vez necessitava do escritor, já que, a produção intelectual do país se restringia a um pequeno grupo de pessoas que dominavam a escrita, dentre as quais se destacavam os literatos, assim como, interessava ao jornalismo ampliar o conteúdo dos jornais com o objetivo de atrair uma maior parcela do público, o que também era obtido por meio da participação dos literatos.

Olavo Bilac dirá que “o jornal é para todo escritor brasileiro um grande bem. É mesmo o único meio do escritor de se fazer ler. Machado Neto tem razão quando afirma que no Brasil as relações do intelectual com o seu público se iniciaram pelo *mass media*. Para o escritor o jornal desempenhava funções

⁴ É o autor responsável pelo folhetim “Memórias de um sargento de Milícia”, publicado entre 1852 e 1853, no jornal Correio Mercantil do Rio de Janeiro.

econômicas e sociais importantes; ele era fonte de renda e de prestígio. Devido à insuficiente institucionalização da esfera literária (ORTIZ, 2006 p.28).

Como destaca Sodré (2011, p. 288) o século XIX “era, realmente a época dos homens de letras fazendo imprensa”, o que gera transformações tanto para o jornalismo quanto para a literatura. Na literatura a influência do jornalismo traz aspectos negativos e positivos, como contribuição é inegável a ampliação do público leitor e dos temas retratados nas obras, pois na medida em que o jornalismo proporciona ao escritor nacional uma visão mais próxima da realidade e dos problemas sociais também torna sua obra acessível a uma parcela maior da população. Como aspectos negativos podemos salientar que o jornalismo por sua vez leva o escritor ao engessamento, faz com que ele fique preso a uma escrita considerada por seus pares como inferior.

E é exatamente por isto que o esforço pelo domínio da técnica de jornal pode transformar-se em trabalho estéril. O espírito de “organização”, que o jornalismo, como trabalho diário, exige do escritor, pode levá-lo à improdutividade criadora à aridez interior (OLINTO, 1995, p. 24)

Enquanto a influência do jornalismo no campo literário apresenta reflexos positivos e negativos, para Arnt (2001), a literatura só agrega vantagens ao jornalismo, pois, o caráter panfletário e de detração⁵ que dominava as páginas dos periódicos começa a perder espaço para novas formas de narrar, graças a influência dos escritores.

Na história do jornalismo brasileiro, há grandes momentos de debate político; foi o que se viu na imprensa republicana e na abolicionista. Nas suas formas mais exacerbadas, o jornalismo de opinião torna-se de acusação e de detração. O jornalismo literário faz, então, a interseção entre informação e opinião. Os escritores, ao assumirem funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, vão dar uma nova feição ao jornal, introduzindo alguns dos norteadores do jornalismo moderno, ou seja, um meio em que se imiscuem notícia, opinião, divertimento e cultura (ARNT, 2001, p. 15)

Apesar de compartilharmos da perspectiva apresentada por Arnt(2001), de que a inserção dos literatos no jornalismo contribuiu para dar feições modernas a prática,

⁵ Para Marialva Barbosa (2010, p. 56) a imprensa nacional, sobretudo durante o período Regencial e o II Reinado, é “marcadamente caracterizada pelas disputas de um periódico em relação a outros, pelas lutas travadas em torno de ideias e desenvolvidas pelas formas de expressão escrita. Lima(2006, p. 300) acrescenta que, desde 1821, pode-se observar essa “guerra dos jornalistas”, na qual o debate é mesclado por insultos, desqualificações mútuas e difamações. Os conteúdos meio-raciais, meio-animais são os preferidos.”

temos que destacar que a mudança no fazer jornalístico está relacionada a um conjunto de transformações mais abrangentes, como destaca Ribeiro (2004). Para a autora a reconfiguração do conteúdo e da linguagem na imprensa Brasileira esta atrelada a corrente modernizadora que tomava conta do país, por meio de ações como a do Barão de Mauá.

A passagem do jornalismo político-partidário para um jornalismo ainda com larga cobertura na área política, mas também informativo, literário e apoiado em bases editoriais e financeiras próprias coincide com a progressiva ampliação e heterogeneização do espaço público. O que Habermas interpreta como sua inversão, foi, mais propriamente, no caso brasileiro, um processo de desvinculamento parcial entre o espaço institucional da imprensa e aquele próprio da política, num período em que se desenvolviam simultaneamente mudanças qualitativas irreversíveis nas condições concretas das grandes cidades brasileiras(RIBEIRO, 2004, p. 120).

Para além das múltiplas interpretações sobre o que teria impulsionado as transformações do fazer jornalístico devemos destacar que é a partir deste novo perfil editorial que a imprensa, por meio da sua interseção com a literatura, inicia um processo de democratização da cultura letrada. Os jornais estimulam os seus leitores a uma cultura de consumo de bens simbólicos, tendo como consequência o aumento nas tiragens dos jornais e o surgimento de publicações segmentadas voltadas para assuntos culturais.

Entretanto devemos salientar que “sem um esforço institucional que promovesse um programa de alfabetização, o jornalismo literário não representou uma ascensão do povo à cultura letrada, como ocorreu nos Estados Unidos e nos países europeus”(ARNT, 2001, p.20). Apesar das limitações sociais o Jornalismo Literário, de meados do século XIX e início do século XX, foi o responsável por consolidar as bases do romance brasileiro, no que se refere a formação de um público consumidor, assim como, no desenvolvimento de uma corrente literária nacional.

Com o desenvolvimento do JL e da literatura nacional houve a ampliação do espaço destinado a produção dos literatos nos jornais, como também, ocorreu a inserção gradativa de outros aspectos da cultura nos impressos, de forma mais perceptível nas revistas. Para Rivera (2000) as condições para a consolidação de um Jornalismo Cultural, nas primeiras décadas do século XX, estariam relacionadas com o surgimento

destes movimentos literários de vanguarda publicados anteriormente nas revistas e jornais.

Os matutos das letras

A isolada província do Piauí adentrava o século XIX marcada pelo ostracismo literário. Com uma população ainda majoritariamente rural, herança do período de colonização das fazendas de gado, e com um elevado índice de analfabetismo e de pobreza o Estado não demonstrava ser um terreno fértil para o desenvolvimento da cultura letrada.

Em 1866, por exemplo, a educação primária atendia a apenas 0,55% da população, segundo dados de Queiroz (2011, p.80). Uma parcela ainda menor tinha acesso ao ensino superior. Somente os filhos da elite, que tinham condições de estudar em outros centros urbanos, ingressavam na universidade. Apesar de serem um grupo numericamente pequeno são os bacharéis⁶, principalmente os egressos da Faculdade de Direito de Recife, que irão ser responsáveis pela efervescência cultural do Estado.

Os intelectuais que compõem a cena literária também atuam, na maioria das vezes, como jornalistas e políticos. A sobreposição de funções faz com que as páginas da imprensa se tornem em alguns momentos tribuna para discursos políticos inflamados e em outros plataformas para a difusão da produção literária.

A atuação dos intelectuais nessas diversas esferas não acontecia, na maioria das vezes, de forma equilibrada. A intersecção do campo político com o jornalístico dominou, entre os anos de 1832 a 1851, as páginas da imprensa. Nesse período, a literatura era rarefeita nos jornais, se limitando a publicação pontual de pequenos poemas. Para José Martins Pereira de Alencastre, a pouca e descontínua presença de publicações com enfoque literário ocorria devido a desvalorização da literatura, em relação a política, enquanto um caminho possível para a consagração social.

Hoje que a política tudo tem invadido em seu dilúvio universal, a nossa mocidade nela encontra um campo mais amplo, mais cheio de variedades e de contraste, para dar lugar ao seu espírito... Muitos olham para as letras como objetos secundários, muito deslembados

⁶ Queiroz (2011, p.115) realizou o levantamento dos bacharéis piauienses formados entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX e cruzou os dados com a atuação intelectual dos mesmos, de forma que, segundo os dados da autora, “dos 142 bacharéis estudados, 87 foram jornalistas (61, 26%), 56 foram escritores (39,43%) e 38 foram poetas (26,76%). Alguns exerceram essa atividade de forma cumulativa. Foram jornalistas/escritor/poeta, 23 (16,19%); jornalista/escritor, 22 (15,49%); jornalista/poeta, 9 (6,33%); escritor/poeta, 3(2,11%)”.

inteiramente das letras, se entregarão em corpo, e alma, as questões políticas, que, muitas das vezes, não são mais que questões de interesse pessoais (*RECREIO LITERÁRIO*, 1 de maio de 1851, vol. 1, nº1, p. 1).

Contudo, as disputas empreendidas nos jornais políticos/partidários passam, ao longo do século, a ceder espaço para a reprodução de poemas, novelas, romances e a produção de críticas culturais. Para Rêgo (2009, p.5), "foi através dos grandes jornais políticos, como *A Imprensa*, vinculada ao partido Liberal, e *A Época*, do partido conservador, que a literatura chegou de forma mais evidente nos lares piauienses".

Para a autora, os jornais políticos *A Imprensa* e *A Época* se destacariam, na influência exercida na difusão literária, por possuírem uma periodicidade definida, maior tiragem e longevidade. As publicações estritamente literárias, por vez, tinham uma circulação irregular e uma existência fugaz, reflexo da dificuldade de levar a frente esse tipo de proposta editorial no estado. Ao refletir sobre o panorama das publicações literárias piauiense, Pereira de Alencastre, lamenta que logo estes periódicos que se voltam para educar e levar cultura ao povo sejam as que menos perduram.

É um fato que grande numero de nossas províncias, ainda não viram em seu seio um só jornal literário, quando ao em vez possuem mais de um jornal político, onde não se discutem os interesses do país, mas desenvolvem as paixões, as parcialidade, se hostilizam muitas vezes a vida privada, com escândalos de todos [...] e deste modo se torna o jornalismo não o órgão do verdadeiro progresso, porém da imoralidade, não o sustentáculo das leis, e das instituições no país, porém a voz da anarquia, o abutre que tudo devora. (*RECREIO LITERÁRIO*, 1 de maio de 1851, vol. 1, nº1, p. 2).

Observamos, porém, e com magoa o dizemos, que grande número de associações [literárias], que todos os dias se organização, com o louvável fim de pela imprensa transmitir ao Povo os conhecimentos, que lhe são mais indispensáveis, pouco estabilidade tem"(*RECREIO LITERÁRIO*, 1 de maio de 1851, vol. 1, nº1, p. 1).

A criação de revistas e jornais literários demonstra a preocupação dos intelectuais locais com a difusão da cultura literária. Esses homens do passado acreditavam que com a promoção do debate de ideias e a circulação da produção cultural o futuro daquela província isolada poderia ser melhor. Os jornalistas/literatos que se aventuravam em produzir publicações de cunho literário acreditavam no poder transformador da cultura. Pereira de Alencastre é um destes entusiastas que, de maneira enfática, defende o jornalismo literário, para ele:

É inegável, que em alguns pontos do Brasil o jornalismo literário tem feito não pequenos progressos, e somos levados a confessar, que é nesses lugares onde a ignorância menos lavra pelas classes a que pouco recursos tem, para alcançar a merecida instrução. Negar, que uma parte desse progresso, ou aperfeiçoamento não é devida à benéfica influência do jornalismo, vale o mesmo que despir o sol de seus resplendores, e a luz de sua ação benéfica (*RECREIO LITERÁRIO*, 1 de maio de 1851, vol. 1, nº1, p. 1).

O projeto iniciado, em meados do século XIX, por intelectuais, como Pereira de Alencastre, ira se consolidar somente nas primeiras décadas do século XX no mercado editorial piauiense, com a criação das primeiras tipografias comerciais e com o surgimento da Academia Piauiense de Letras. Essas conquistas são o resultado de um longo processo iniciado na segunda metade do século XIX com a criação dos grêmios e jornais literários (MAGALHÃES, 1998).

Entre os jornais literários, lançados no século XIX, o *Recreio Literário* merece destaque por sua contribuição ao campo cultural. Ele é o primeiro jornal estritamente literário lançado no estado, produzindo ensaios sobre a produção cultural local, publicando poesias e novelas, como *Mademoiselle de Clermont* de Genlins traduzida para o português por J. J. Avelino.

Em seu editorial de lançamento, assinado por J. M. Pereira de Alencastre, a publicação já deixa claro para o seu leitor que o desejo do *Recreio Literário* é ser um espaço de visibilidade para a literatura. Já nas primeiras linhas Alencastre traça o perfil do novo periódico como sendo: "um jornal literário é, por certo, o que desejamos dar a luz da publicidade, e realmente é o que, o publico deve esperar" (*RECREIO LITERÁRIO*, 1 de maio de 1851, vol. 1, nº1, p. 1).

Será o nosso periódico puramente literário, e algumas vezes científico: mas de modo a não enfastiar ao leitor (...) Não queremos dizer com isso, que todos nós não temos nossas convicções não: cada um de nós tem seus pensamentos políticos, suas crenças... Sentimos, porém, que não sejamos todos nós concordes em certo modo de pensar:... não seremos por isso inimigos, não, que seria isso a maior loucura, a mais lamentável fatalidade. Somos homens políticos: porque somos sociais, mas não da ordem daqueles que fazem da política seu pensamento de toda hora (*RECREIO LITERÁRIO*, 1 de maio de 1851, vol. 1, nº1, p. 3).

Alencastre, ao apresentar o projeto editorial do *Recreio Literário*, o faz, demarcando também sua posição política. O intelectual reconhece que a existência do jornal e a adoção de posicionamento já o torna, por si, político mas que as suas páginas

não serão palco das disputas partidárias e dos discursos inflamados que caracterizavam as demais publicações da época. Ao se identificar enquanto "puramente literário, e algumas vezes científico" a publicação explicita ao leitor que: "outro é o nosso campo, outra as nossas armas; reconhecemos-nos fracos, não importa" (*RECREIO LITERÁRIO*, 1 de maio de 1851, vol. 1, nº1, p.3).

Alencastre enfatiza, ainda, o comprometimento da publicação em popularizar o saber. Este seria o principal objetivo do jornal. Contudo, o intelectual reconhece que a execução da iniciativa enfrentará diversas dificuldades. Nas palavras de Alencastre, "a publicação de um jornal literário da província do Piauí trás consigo obstáculos não invencíveis, que, por certo, nos deverão fazer esmorecer; porém nada que se nos possa antolhar - nos desviará do firme propósito em que estamos" (*RECREIO LITERÁRIO*, 1 de maio de 1851, vol. 1, nº1, p. 2-3).

Vale lembrar que a venda de assinaturas e dos exemplares avulsos não custeava a produção dos jornais, tanto literários como político, existindo a dependência do apoio do governamental, dos partidos políticos ou dos recursos pessoais dos seus editores. As limitações financeiras somadas as dificuldades técnicas e as disputas interpessoais levavam os jornais do período a ter uma curta duração. O *Recreio Literário* é um dos exemplos de publicação que deixam de circular devido as dificuldades enfrentadas.

Considerações Finais

Podemos observar, por meio da atuação de Alencastre, o esforço dos intelectuais em estimular o campo cultural local e promover o diálogo com o que estava sendo produzido em outros centros urbanos. O número elevado de jornais e revistas literárias lançados após o *Recreio Literário* demonstra o esforço dos literatos em estimular uma esfera cultural. Circularam nas principais cidades do Estado mais de 48 periódicos literários entre os anos de 1851 e 1900⁷.

Com esta vasta produção os intelectuais piauienses também buscavam inserir a região no mapa cultural. Os jornalistas/literatos colocavam em prática um projeto pedagógico de desenvolvimento cultural calcado na legitimação da esfera literária que impulsionava, por meio de suas cobranças, as transformações estruturais modernizantes que se concretizarão posteriormente. O Estado, vivia assim, uma modernidade fora do

⁷ Levantamento realizado por Celso Pinheiro Filho (1997).

lugar, capitaneada pela produção cultural (FERREIRA, 2016).

Os literatos piauienses produziam uma literatura tão universal quanto a dos escritores dos grandes centros, contudo, não possuíam condições materiais e público para impulsionar o mercado das letras. O estado vivia na tensão entre a efervescência cultural e uma realidade que podia ser descrita como a de grande arraial onde as novidades do mundo moderno seriam meras notícias.

REFERÊNCIAS

ARNT, Héris. **A influência da literatura no jornalismo: o folhetim e a crônica**. E-papers Editora: Rio de Janeiro, 2001.

ALENCASTRE, Joze Martins Pereira. Lêde. **Recreio Literário**. Teresina, 1 maio 1851.p.1-3.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

FERREIRA, V.R.C. **O Jornalismo Cultural de David Moreira Caldas**. Temática (João Pessoa. Online), v. 12, p. 39-56, 2016.

LAVILLE, Christian & DIONNE, Jean. **A Construção do Saber- Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Editora UFMG. Porto Alegre: Editora ARTMED, 1999.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O Livro-Reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura**. 3ª ed. São Paulo:Manoele, 2004.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário: um gênero em expansão**. In: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação: São Paulo, v.32, n.2, p.199-215, jull./dez., 2009.

MAGALHÃES, Maria dos Socorro Rios. **Literatura Piauiense- Horizontes de leitura e crítica Literária (1900-1930)**, Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e Literatura**. Tecnoprint Gráfica: Rio de Janeiro, 1995.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

PINHEIRO FILHO, Celso. **História da Imprensa no Piauí**. Teresina: Zodíaco, 3ª edição, 1997.

QUEIROZ, Terezinha de Jesus Mesquita. **Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo- 3d.- Teresina: EDUFPI, 2011.**

RÊGO, Ana Regina. **Imprensa Piauiense: Atuação política no século XIX**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

RÊGO, Ana Regina. **Literatura e Política-duas faces do Jornalismo Piauiense**. In: XXXII Intercom, 2009, Curitiba, Anais do XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2009.

RIBEIRO, Lavina Madeira. **Imprensa e Espaço Público**: a institucionalização do jornalismo no Brasil (1808-1964). Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.

RIVERA, Jorge B. **Periodismo Cultural**. Buenos Aires: Paidós, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.